

# Trabalho no sertão: uma questão de honra

*Labor in the interior : a matter of honor*

Gerardo Clésio Maia Arruda<sup>1</sup>



## Resumo

Neste artigo, discuto a realização de uma atividade produtiva como base da constituição do sentimento de honra do sertanejo. As análises se alicerçam na transcrição de trechos da história de vida de dois migrantes rurais, sendo que, quando viviam na zona rural, um trabalhava como parceiro sem-terra e o outro como vaqueiro. Através da fala dos sujeitos entrevistados, procura-se demonstrar como o trabalho determina a forma de agir e pensar do sertanejo, ao mesmo tempo que o estigmatiza como um ser honrado.

Palavras-chave: **Representação Coletiva. Trabalho. Honra. Sertão Nordeste.**

## Abstract

In this paper, I discuss the productive activity as the foundation of the feeling of pride to the country men. The analyses are set up in transcriptions of passages about the history of two rural migrants' life, when they lived in the rural area. On that time, one worked as a landless laborer partner and the other as a cowboy. Through the interviewees' speech I attempted to demonstrate how labor determines the way of acting and thinking of the country men, at the same time that it stigmatizes him as an honored man.

keywords: **Collective representation. Labor. Honor. Northeastern interior.**

## 1 Notas introdutórias: do sentimento de honra

Apoiado no pensando de Durkheim (1985), é possível compreender a honra como representação coletiva que atua coercitivamente sobre o indivíduo orientando seu modo de agir e pensar. Tal entendimento pressupõe a sua transmutação no tempo e no espaço, na medida em que se erige nas relações sociais concretas travadas na esfera do mundo vivido, portanto, embora alicerçado no aprendizado passado de geração a geração, a honra é um sentimento que se acresce permanentemente de novos elementos que modificam seu significado.

É farta a literatura que trata da honra. Febvre (1998) cita, dentre outras, as obras de Bossuet, Sermão sobre a Honra do Mundo (1660) e Sermão sobre a Honra (1666), para demonstrar que este é um tema que há muito é objeto de reflexão. Na dramaturgia de William Shakespeare, por exemplo, a honra é quase sempre pano de fundo para o desenlace de suas tramas:

Agora, toda a juventude da Inglaterra está no fogo e as galantes sedas nos guarda-roupas jazem. Agora, os armeiros prosperam e o pensamento da honra reina sozinho no coração de todos os homens. Vendem os pastos para comprar um cavalo. Seguindo o espelho dos reis cristãos, todos, Mercúrios ingleses, têm asas nos calcanhares. Porque agora a esperança está no ar e oculta uma espada que do punho à ponta está guarnecida de coroas imperiais, condaís e de baronias, prometidas a Henrique e a seus partidários (SHAKESPEARE; 1989, p. 302).

À provocação francesa, que oferta um tonel cheio de bolas de tênis em resposta à reclamação de certos ducados, feita por Henrique V, os ingleses respondem com uma declaração de guerra. Tamanha galhofa deixou os ingleses ofendidos em sua honra; e honra se lava com sangue; por isto, alegram-se, e, emocionados,

<sup>1</sup> Graduado em Economia, Especialista em Geografia, Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Pesquisador do Instituto para o Desenvolvimento Econômico, Social e de Políticas Públicas (ILDESPP). E-mail: clesioarruda@bol.com.br.

se entregam de corpo e alma aos preparativos da guerra; têm pressa em banhar o solo com sangue francês, pois seus corações impacientes exigem retaliação. Retrata-se aí o sentido dado à honra no Medievo que, de acordo com Febvre (1998, p. 60), é construído no cerne da estrutura das sociedades monárquicas que são, por definição, sociedades de preferência, de distinção, de desigualdade e de privilégios.

O sentimento de honra é um complexo conjunto de noções morais, ou seja, uma cadeia de preceitos que se interligam formando uma teia que determina a forma de agir do indivíduo; e os preceitos da honra são uma espécie de herança que todos os membros de um grupo respeitam na medida em que têm necessidade de sentir-se amparados, ajudados, guiados pela aprovação dos outros membros (FEBVRE, 1998, p. 63).

Cada sociedade dada num tempo específico elabora códigos particulares que orientam e dão sentido ao sentimento de honra. É por isto que se atribui a esta palavra diferentes sentidos; variando no grupo, observa-se a sua pertinência tanto ao homem quanto à mulher, tanto ao jovem quanto ao velho e tanto ao operário quanto ao industrial ou ao intelectual. A honra é algo individual, pois depende da vontade de cada um; porém, a honra também é coletiva e pode se fixar num grupo social: família, raça, pátria, seja qual for a comunidade com a qual se identifique (PITT-RIVERS; 1992, p. 18). Variando no tempo, tem-se, por exemplo, que à honra da sociedade industrial cabe uma verificação empírica distinta da concernente à da alta Idade Média; enquanto na sociedade industrial sua medida é a do quanto se possui, na Idade Média, o sangue derramado do desafeto é o que punha fim às inquietações daqueles que tinham a honra posta em questão.

## 2 A honra sertaneja

É com a morte que se reconforta a honra atacada no Medievo - a honra se lava com sangue; no sertão, também, mas não são todos os sertanejos que se orientam por este código. Como a honra resulta da pressão do grupo, da coletividade, sobre as consciências individuais, é possível, portanto, diagnosticar a existência, no sertão, de comportamentos que se orientam por distintos códigos de honra.

Damatta (1997) recorre a personagens sertanejos para referenciar concretamente tipos

significativos do mundo social brasileiro: o vingador social (Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião), que é o subversor da ordem, aquele que recia as leis e cria as suas próprias, utilizando-as contra os poderosos; e o renunciador (Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro), que não investe contra a ordem, mas sai dela e embrenha-se no limbo, criando um novo mundo ou inventando um outro universo. São tipos que, evidentemente, se regem por diferentes normas. O trabalho de Barreira (1998), que mergulha no mundo dos pistoleiros, ao tentar desvendar a constituição sociológica deste tipo humano que ainda hoje povoa o Nordeste, contribui para o entendimento dos preceitos que caracterizam a honra do sertanejo de um tipo específico: os matadores de aluguel. Ao entrevistar um deles, cognominado como Miranda, famoso pela quantidade de mortes que carrega nas costas e pela audácia de suas ações, César Barreira mostra que o pistoleiro alega que as mortes que ele cometera não foram crimes, pois foram mortes por vingança; e tal motivo, para o pistoleiro, é defesa de honra.

O tipo humano aqui distinguido para apreender os preceitos que definem o sentido de honra sertanejo é também um tipo social paradigmático: o trabalhador. Para discutir esta questão, apóio-me na entrevista de dois sertanejos: Osmar, que conta atualmente, tomando o ano de 2004 como referência, 71 anos, e na juventude foi trabalhador agrícola na condição de parceiro-morador, e Chagas, que tem 62 anos e trabalhou como vaqueiro. Eles são do sertão nordestino, como Lampião e Miranda, mas acreditam que o que os faz merecedores de honrarias é o trabalho, e tudo o que os torna bons trabalhadores. É aí neste preceito que se ancora a honra de Osmar e Chagas. A trajetória de suas vidas pauta-se na tentativa de conquistá-la a todo custo. A busca de tornarem-se seres honrados é o que os orienta, é o horizonte que buscam alcançar sempre. Em suas falas, a questão da honra não apareceu segmentada num espaço temporal de suas vidas. Na verdade, foi um tema anotado nas suas referências ao passado, presente e futuro.

A representação que estes sertanejos fazem de si é a do indivíduo que teve o corpo e a mente acostumados à rotina de uma vida marcada pelo trabalho executado diuturnamente; esta representação permeia grande parte dos depoimentos acerca de suas trajetórias de vida, como, por exemplo, quando decidem emigrar:

Se não der certo trabalho noutra coisa. Vou ser

corretor: comprar galinha no sertão e vender na cidade, comprar coisas na cidade e vender no sertão.

RacheI de Queiroz, em *O Quinze*, constrói uma representação do sertanejo como a de um indivíduo que exalta o trabalho como algo divino, que dá sentido à sua existência. Isto é denotado quando a autora descreve a satisfação de Chico Bento com o ganho obtido com o trabalho numa frente de serviço, na qual ele se incorpora, quando finalmente chega a Fortaleza, com o que restou de sua família na caminhada que empreendeu desde o sertão de Quixadá: Tinha finalmente algum dinheiro - só dois níqueis, é bem verdade! - mas dinheiro ganho com seu esforço, (...), e que o auxiliaria a alimentar a filharada esfomeada ... (QUEIROZ, 1993, p. 100).

A busca de viver do e pelo trabalho é um império que se sobrepõe ao sertanejo, dado que se fundam aí o reconhecimento e a estima que obtém dos seus; torna-se tanto mais uma pessoa digna, um ser honrado, quanto mais se dedica zelosamente ao trabalho.

“O homem tem que viver é do trabalho dele!” Foi esta exclamação de Osmar que chamou minha atenção para o quanto o sertanejo atribui importância ao trabalho. Suas feições, ao pronunciá-la, a entonação da voz, o olhar firme, tudo denunciava que afirmava algo em que verdadeiramente acreditava. A sensação aí repassada é a de que o trabalho é o cerne de sua vida. Poder-se-ia dizer que isto acontece em uma infinidade de culturas, o que é uma verdade empiricamente verificável; contudo, aqui, o trabalho assume o status de elemento vital para sua vida, não como sobrevivência, ou não só como isto, mas como norteador de suas ações, de seu comportamento. Os sertanejos situaram com muita firmeza a necessidade que o homem tem de ter um trabalho. Não há meio termo. No trecho de seu relato no qual afirmou que o homem tem que viver do seu trabalho, Osmar sentenciou logo em seguida: “Quem não trabalha inventa coisa; vai roubar, enganar os outros”. Nestas duas assertivas, Osmar define o homem honrado e sua antítese: o homem honrado é o trabalhador; a sua negação é o malandro.

A realização do trabalho como uma ação que dignifica o homem, e que por isto é um imperativo que atua sobre o indivíduo, levando-o a considerá-lo como algo que está para além do dever, da obrigação, de meio de subsistência, foi constatada empiricamente por sociólogos rurais, assim como em Robert Redfield, no estudo *O mundo primitivo e suas transformações* (1964). Identificar as origens desta forma de agir na sociedade rural brasileira remonta a uma reflexão

sobre a presença de elementos culturais herdados do colonizador português, pois no Medievo se constituíram ideologias que se mantiveram como vestígios ainda na modernidade. Jacques Le Goff, em suas reflexões acerca da organização social do Ocidente deste período, dá pistas de como se manifestou no mundo medieval a origem do que Weber (1985) denomina de sanções psicológicas erigidas na prática religiosa que orientam a conduta do indivíduo, quando transcreve comentários de bispos relativos à organização social da Idade Média:

A razão (de ser) dos carneiros é fornecer leite e lã; a dos bois é lavrar a terra; e a dos cães é defender os carneiros e os bois dos ataques dos lobos. Se cada uma dessas espécies de animais cumprir a sua missão, Deus protegê-la-á. Deste modo, fez ordens, que instituiu em vista das diversas missões a realizar neste mundo. Instituiu uns - os clérigos e os monges - para que rezassem pelos outros, e, cheios de doçura, como as ovelhas, sobre eles derramassem o leite da pregação e com a lã os bons exemplos lhes inspirassem um ardente amor de Deus. Instituiu os camponeses para que eles - como fazem os bois com o seu trabalho - assegurassem a sua própria subsistência e a dos outros. A outros, por fim, os guerreiros, instituiu-os para que mostrassem a força na medida do necessário e para que defendessem dos inimigos, semelhantes a lobos, os que oram e os que cultivam a terra (LE GOFF, 1984, v. III, p. 10).

Vale lembrar que mesmo Max Weber, que apontou as seitas protestantes como aquelas em que com maior império é enaltecida a vocação para o trabalho como algo que deve ser cultuado para a glorificação de Deus, defende o argumento de que muitos aspectos do moderno gênero de vida da sociedade capitalista industrial remontam à Idade Média, além do que reconheceu que a divinização do trabalho está presente em várias outras crenças:

É certo, naturalmente, que toda a literatura ascética, de quase todas as religiões, está saturada do ponto de vista de que o trabalho consciente, mesmo por baixos salários, da parte daqueles a quem a vida não oferece outras oportunidades, é algo de sumamente agradável a Deus (WEBER, 1985, p. 128).

Por outro lado, a importância dada pelo sertanejo ao exercício de um trabalho e, conseqüentemente, à possibilidade de extrair daí sua sobrevivência e a da sua família, pode ser também percebida através da compreensão do sentimento que se lhe acomete quando está na situação de desemprego - a vergonha. O sentido atribuído aqui a este sentimento é o mesmo que é adotado por Pitt-Rivers (1992), ou seja, de que a vergonha é o reconhecimento da desonra. Ao analisar a forma como o sertanejo expressa seu sentimento frente ao desemprego, acredito poder entender mais claramente o valor que ele atribui à condição de estar trabalhando.

Os sujeitos pesquisados fugiam de todas as formas às minhas indagações sobre períodos no desemprego, que provavelmente ocorreram mesmo que no breve interstício entre a saída de um trabalho e o início noutro. Chama atenção a descrição de Osmar, já um migrante inserido no universo urbano, sobre o motivo de sua demissão da empresa de beneficiamento de óleos vegetais:

Trabalhei nas caldeiras, como foguista. Caí doente e passei quase um ano sem trabalhar direito. Minha doença não era nem assim tão grande, mas o doutor de vez em quando me dava licença. Eu estava carregando madeira para as caldeiras e apresentou um dor nas costas. Eu empurrava um carrinho de mão, cheio de madeira. Era pesado. Próximo à caldeira, tinha uma subida e tinha que fazer carreira para chegar lá em cima. Jogava a madeira em cima e apanhava as brasas que caíam em baixo, com um rodo grande de ferro. Um dia, quando eu empurrava o carrinho, ele quis cair para baixo da caldeira, onde caíam as brasas. Eu virei ele com força, para o outro lado. Foi assim que eu passei a sentir essa dor nas costas. Eu achava que tinha algo rasgado nas costas. Quando voltei para trabalhar, depois de uma licença, disseram assim: rapaz não tem trabalho para você aqui não, pode pegar suas contas! Deram as minhas contas e eu fui embora.

Osmar foi demitido porque estava faltando ao trabalho, motivado por sucessivas licenças concedidas pelo médico da própria empresa, portanto, não pairam dúvidas de que não estava em condições de saúde adequadas para o trabalho. Mas a representação de

Osmar acerca deste momento de sua trajetória de vida é a de que ele foi vítima de uma injustiça; sentia dor, é verdade, mas como disse na continuação de sua fala: Nem era tanto assim ... Na sua avaliação, o problema que sentia não era suficientemente forte para motivar sua demissão da empresa. O que levou Osmar a construir esta representação foi o fato de que ele, ao se lembrar deste evento, o fez como alguém que já tem a sua conduta racionalizada, pois, como afirma Nobert Elias, o sentimento da vergonha é a medida do quanto o indivíduo já automatizou, tomou um hábito, as restrições sociais.

O medo de transgredir as proibições sociais assume mais claramente o caráter de vergonha quanto mais perfeitamente as restrições externas foram transformadas, pela estrutura da sociedade, em auto-restrições (ELIAS, 1993, P. 242). Esta assertiva de Nobert Elias ajuda a compreender a representação de Osmar acerca de sua demissão, uma vez que, para ele, mesmo que independentemente de sua vontade, a situação de desemprego é uma transgressão às normas apreendidas nas suas interações primárias, e é isto que o faz acreditar que sua demissão foi uma injustiça, pois seu desejo era continuar trabalhando, mesmo sem condições ideais.

Na verdade, o tema desemprego apareceu como um tabu, pois não foi fácil conseguir fazer o assunto emergir na fala do sertanejo; espontaneamente, eles não discorreram em nenhum momento sobre os períodos em que ficaram sem trabalho. Parece que, ao sertanejo, a aceitação de tal situação tem o mesmo significado que admitir ter sido a antítese do homem trabalhador, aquele que não é honrado; penso que foi por isto que tão rapidamente, numa frase curta, quase que se desculpando, e só após muita insistência de minha parte, é que Osmar admitiu que ficou sem trabalho e disse: Passei só uns dias brincando. Deixado livre no seu relato, Osmar nunca teria admitido isso; na verdade, quando falou de sua demissão, logo em seguida disse que entrou para a Movelaria Funcional. Ele só falou de desemprego porque mais de uma vez o inquiri: Mas como? O senhor não ficou nem um tempo parado, sem trabalhar?

### **3 Outros valores reforçam a idéia do trabalho como algo que dignifica o sertanejo**

Mas, não somente a qualidade de ser trabalhador é valorizada no comportamento do homem do sertão.

Osmar ressalta ainda que:

O filho tem que ser obediente ao pai e à mãe. Se o filho não age assim dificilmente ele vai ser obediente vida afora. Quem não respeita o pai e mãe jamais respeitará os outros. Tem que ser honesto, não ser malandro, não humilhar os outros. O homem tem que aceitar as pessoas do jeito que são. Quando puder, deve ajudar, não atrapalhar; ao invés de atrapalhar, ajudar. Assim a pessoa é feliz. Um menino que comece assim vai ser feliz mais pra frente. Procurar ser honesto nas coisas pequenas, porque assim vai ser honesto nas coisas grandes. Se for desonesto nas coisas pequenas, nas grandes é que é mesmo.

A fala de Osmar reforça o papel das interações primárias na introjeção de valores, ou seja, é na família que o indivíduo aprende que se deve também ser honesto, humilde e obediente. Os filhos devem prestar obediência aos pais, que para as crianças são os mais fortes, os que detêm o poder, com isto se capacitam para obediências que lhes são impostas na vida adulta. O respeito é, na infância, devido aos pais; mais tarde, isto será útil na sua relação com os de fora do círculo familiar, com chefes e patrões, com certeza. A disponibilidade do indivíduo para ajudar os outros é também salientada como valor dignificante. Como afirmou Osmar, o homem, quando puder, deve ajudar, nunca atrapalhar. Está é a meta buscada pelo sertanejo desde a infância: ser disponível. Em síntese, a representação aí construída idealiza o homem digno como aquele que orienta a sua conduta por tais valores, que lhes são ensinados desde a mais tenra idade. Hoje, não vive no sertão, mas é isto o que tenta passar para os filhos. O mesmo diz Chagas, *o ex-vaqueiro*:

Eu ensino para eles como é o atendimento no trabalho, como uma pessoa deve conversar com outra. Meu filho, saiba entrar, saiba sair, aprenda a sua função, assuma o seu trabalho. Faça o seu serviço e não dê trabalho ao patrão. Se o patrão chegar e lhe pedir uma coisa, faça na hora. Recomendo isso a todos eles. Até o meu filho que se formou, que é doutor, eu ensino ele: Márcio isso é assim e assim. Eu tenho pouca letra, ele tem muita, mas assim mesmo repreendo ele: Isso está errado, meu filho! Você não está vendo que isso não dá certo?

Dos trechos dos relatos aqui transcritos, há que se ponderar o seguinte: o sertanejo, no seu discurso, ao conceber o que é um homem honrado, constrói uma representação que o distingue como alguém que obedece, não humilha os fracos, respeita todos, é honesto, gosta e trabalha bem.

#### 4 A hora sertaneja no universo urbano

Para Halbwachs (1990), a memória não é estática, ela é permanentemente reconstruída à medida que o passado é visto com os olhos do presente. Giddens (1997), apoiado nesta assertiva, defende tese semelhante para a tradição, ao considerá-la como algo que está permanentemente em transformação e mudança, que não se mantém incólume ao incorporar novos elementos que se constituem nas interações humanas cotidianamente praticadas. A assertiva de Giddens fornece luzes que permitem compreender o modo como o sertanejo se comporta e quais as atitudes que ele, vivendo na cidade e pelo menos em parte integrado às suas regras e aos símbolos, arrola como caracterizadores de um indivíduo honrado.

É a modificação do significado de valores ou a reelaboração do que é da tradição, processo inerente aos indivíduos e aos grupos sociais, que faz Osmar atribuir uma conotação para o trabalho diferente daquela apreendida nas relações sociais primárias. Todavia, o que o sertanejo apreendeu nas relações primárias não é inteiramente negado, o que é denotado na postura de Osmar, ao transmitir aos filhos a idéia de que se deve respeito a quem nos *ajuda*, a quem nos dá um emprego.

O sentido de honra dos sertanejos alicerça-se na importância dada ao trabalho e, por decorrência, no respeito àqueles que lhes ensinaram um ofício. Isto ainda é um valor significativo, que eles possam para seus filhos; não ensinam como plantar milho, feijão, a fazer parto de vaca – como fizeram seus pais, porque estes conhecimentos não têm importância no espaço urbano; também não detêm o conhecimento que se requer do trabalhador na cidade, dado que são muitas as funções' nesta sociedade complexa em que vivem, como afirma Chagas: O mundo deles, de hoje, é um pouco diferente do nosso, mas aprenderam, no sertão, que as pessoas devem se esforçar para aprender e respeitar quem as ensina, e isto eles passaram, e passam, para os filhos. Osmar chama a atenção para o fato de que:

O homem tem que começar a trabalhar é de novo, tá certo que no mato tem criança que começa a trabalhar muito novo. É exagerado, porque a pessoa perde a juventude, não tem tempo para estudar. Mas também não pode ser como na cidade, que nem trabalha e nem vai para escola. É uma falta de interesse ... As crianças não gostam de estudar e nem se esforçam. Quem leva uma vida sem trabalhar e sem estudar se acostuma com a moleza. Fica ruim para continuar a vida, quando tiver de maior. Quem cedo trabalha acha ruim quando não tem trabalho, gosta é quando tem trabalho; quem não se acostumou a trabalhar, a dar duro desde cedo, quando é adulto tem é raiva do trabalho. Para quem não tem costume de trabalhar, trabalhar é um sofrimento; quem acha que sofrer é trabalhar, não quer trabalhar, porque trabalhar é sofrer.

Os sertanejos reforçam a representação do trabalho apreendida nas interações sociais da infância e juventude, ou seja, de que através do trabalho é que o indivíduo se faz merecedor de honrarias, mas agora acrescentam que o estudo também é dignificante: é importante estudar, mas tem que começar a trabalhar cedo. Entrementes, acredito que as condições de sobrevivência do migrante colocam o trabalho como uma esfera que se contrapõe ao estudo, uma vez que a renda dos filhos contribui para uma melhoria do padrão de sobrevivência; além do que, quando o jovem passa a auferir renda, percebe que o trabalho é uma estratégia necessária e indispensável à sua vida no aqui e agora, e provavelmente deve pesar na sua decisão quanto a trabalhar ou estudar, quando esta se toma uma questão que se lhe impõe. Isto explica por que, dos sete filhos de Chagas, um se formou em Contabilidade, constituindo uma exceção, uma filha concluiu o Normal, curso que tem carga horária intermediária à do segundo grau e dos cursos de nível superior, enquanto os outros cinco concluíram o primeiro grau ou no máximo cursaram a primeira série do segundo grau. Na verdade, o que predomina entre seus filhos é que tenham alguns anos de escolaridade, pois a necessidade de sobrevivência os leva a trabalhar, portanto, quando vêem a oportunidade, estão prontos a assumi-la.

## Referências

- BARREIRA, César. **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandro e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar 1993.
- FEBVRE, Lucien. **Honra e pátria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich et al. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997. p. 73-133.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF. A civilização do Ocidente medieval. In: PILETTI, Nelson. **História e vida**. São Paulo: Ática, 1984. p. 173-189.
- PITT-RIVERS, Julian. A doença da honra. In: CZECHOWSKY, Nicole. **A honra: a imagem de si ou o dom de si: um ideal equívoco**. Porto Alegre: L & PM, 1992. p. 17-32.
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- REDFIELD, Robert. **O mundo primitivo e suas transformações**. São Paulo: Sociologia e Política, 1956.
- SHAKESPEARE, William. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1989.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1991.